

## FÓRUM – SOCIOLOGIA ECONÔMICA

*Por:*

**Ana Cristina Braga Martes**, FGV-EAESP

**Maria Rita Loureiro**, FGV-EAESP

**Ricardo Abramovay**, FEA-USP

**Maurício Serva**, PUC-PR

**Maurício C. Serafim**, FGV-EAESP

*RAE-eletrônica*, v. 6, n. 1, Art. 4, jan./jun. 2007

<http://www.rae.com.br/eletronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=4839&Secao=FÓRUM&Volume=6&numero=1&Ano=2007>

---

©Copyright, 2007, RAE-eletrônica. Todos os direitos, inclusive de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos só devem ser usados para uso pessoal e não comercial. Em caso de dúvidas, consulte a Redação: [raeredacao@fgvsp.br](mailto:raeredacao@fgvsp.br).

A RAE-eletrônica é a revista on-line da FGV-EAESP, totalmente aberta e criada com o objetivo de agilizar a veiculação de trabalhos inéditos. Lançada em janeiro de 2002, com perfil acadêmico, é dedicada a professores, pesquisadores e estudantes. Para mais informações, consulte o site [www.rae.com.br/eletronica](http://www.rae.com.br/eletronica).

---



FÓRUM - SOCIOLOGIA ECONÔMICA  
APRESENTAÇÃO

Ana Cristina Braga Martes – Maria Rita Loureiro – Ricardo Abramovay – Maurício Serva – Maurício C. Serafim

Compreender as ações econômicas por meio de fatores ou variáveis sociológicas não deveria ser considerado um procedimento estranho nem mesmo para o senso comum. Coerção, costume, crença, imitação ou obediência são fenômenos sociais que desde sempre foram utilizados para explicar os mais variados comportamentos econômicos.

Na academia não foi diferente. Já no nascimento das Ciências Sociais, e mais especificamente na constituição da Sociologia como um campo particular do conhecimento, procurou-se compreender de que maneira as instituições e estruturas sociais conformam a divisão do trabalho e a dinâmica dos mercados. E ainda como o contexto social e os processos históricos levaram os homens a diversificarem a organização da produção e das trocas, no espaço e no tempo. Não por acaso, entre os autores clássicos e fundadores da Sociologia Econômica (SE) encontram-se Max Weber, Émile Durkheim, Karl Marx e Georg Simmel. De modo correlato, a perspectiva institucional se faz presente já no nascimento da Economia, tanto na Escola Clássica Inglesa (Adam Smith, David Ricardo, John Stuart Mill) como na Escola Histórica Alemã (Wilhelm Roscher, Bruno Hildebrand e Karl Knies).

Entre os economistas, a concepção histórico-social acerca dos fenômenos econômicos sofre um significativo revés no final do século XIX, quando se torna predominante o pensamento econômico neoclássico (Carl Menger, William Jevons e Léon Walras), que impõe um modelo de ciência abstrato formal (fundado na matemática). Já entre os sociólogos, o afastamento da análise dos fenômenos econômicos se dá em uma fase posterior, isto é, em meados do século XX. Curioso observar que é também nesse período que Joseph Schumpeter e Maynard Keynes apresentam sérias críticas à ortodoxia do pensamento econômico neoclássico. *The Theory of Economic Development: An Inquiry into Profits, Capital, Credit, Interest, and the Business Cycle*, de Schumpeter, foi editado pela Universidade Harvard em 1934; *The General Theory of Employment Interest and Money*, de Keynes, foi publicado na Inglaterra em 1936.

De acordo com Philippe Steinner (Steinner, 2006), a cisão entre Sociologia e Economia, que se observa dos anos 1930 aos anos 1970, acabou por reservar à teoria econômica o estudo do comportamento individual racional, restando à Sociologia analisar os demais tipos de comportamento (como, por exemplo, a formação de preferências) e, particularmente, compreender os motivos, sejam eles individuais ou sociais, orientadores do comportamento econômico.

Em nome da cautela, no entanto, não se deve perder de vista que o declínio das abordagens apoiadas na intersecção desses dois campos não significou o abandono dos temas econômicos pelos

FÓRUM - SOCIOLOGIA ECONÔMICA  
APRESENTAÇÃO

Ana Cristina Braga Martes – Maria Rita Loureiro – Ricardo Abramovay – Maurício Serva – Maurício C. Serafim

sociólogos. A sociologia de inspiração marxista, por exemplo, vigorosa nestas três décadas nas suas mais diversas vertentes, jamais negligenciou a relação entre economia e sociedade. Particularmente Karl Polanyi, com o livro *A grande transformação* (originalmente de 1944), deu uma grande contribuição à consolidação da Sociologia Econômica (SE).

Ainda que com menor intensidade, os “intelectuais liberais” também contribuíram. Em 1963, Neil Smelser escreve um livro sobre o tema, publicado no Brasil cinco anos depois, com o título *A sociologia da vida econômica*. No entanto, já no prefácio, ao justificar seu trabalho, o autor alega que os economistas tratam apenas das relações entre variáveis econômicas, desconsiderando o contexto social, enquanto os sociólogos, apesar de pesquisarem o comportamento econômico, não haviam elaborado ainda uma abordagem teórica capaz de sistematizar os inúmeros, porém dispersos, resultados parciais das pesquisas até então realizadas.

O que vem sendo chamado de Nova Sociologia Econômica não se resume ao tratamento sociológico de variáveis econômicas, mas engloba a construção de um corpo sistemático de conhecimento, com questões que perfazem um debate e posicionam os autores no interior de uma literatura específica. Desse modo, a SE constitui propriamente uma *abordagem*, ou uma perspectiva de análise, nas palavras de Smelser e Swedberg para os quais ela pode ser definida como “a aplicação de estruturas de referência, variáveis e modelos explicativos da Sociologia a um complexo de atividades relacionadas à produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços escassos” (Smelser e Swedberg, 1994, p. 3). Invocando as palavras de Max Weber (1949), Swedberg (2004, p. 7) elabora a seguinte definição: “a sociologia econômica estuda tanto o setor econômico na sociedade (fenômenos econômicos) como a maneira pela qual esses fenômenos influenciam o resto da sociedade (fenômenos economicamente condicionados) e o modo pelo qual o restante da sociedade os influencia (fenômenos economicamente relevantes)”.

De qualquer modo, o que atualmente se observa nas pesquisas de interface entre as duas disciplinas é uma espécie de alargamento do campo de interesses e inovação metodológica. Assim, se até os anos 1980 os sociólogos econômicos se debruçavam sobre as instituições e se mantinham especialmente atentos a questões relativas a controle, sanções e normas, nas duas últimas décadas, gênero, redes sociais e cultura tornaram-se, igualmente, temas-chaves dessa abordagem.

O marco inicial da Nova Sociologia Econômica norte-americana pode ser encontrado nos trabalhos de Mark Granovetter, especificamente com o desenvolvimento, por este último autor, do conceito de imersão (*embeddedness*) – contido no artigo de Granovetter, cuja tradução é publicada

## FÓRUM - SOCIOLOGIA ECONÔMICA APRESENTAÇÃO

Ana Cristina Braga Martes – Maria Rita Loureiro – Ricardo Abramovay – Maurício Serva – Maurício C. Serafim

neste Fórum da *RAE-eletrônica*. Também a ele se deve a expansão da análise de redes, como a metodologia da SE, sob a marcante influência de seu professor Harrison White, autor do livro *Markets from networks* (2001). Na SE europeia, menos difundida no Brasil, destacam-se os trabalhos de Laurent Thévenot, Luc Boltanski e Michel Callon, além de, obviamente, Pierre Bourdieu, que introduz conceitos-chaves para as pesquisas que se apóiam nessa abordagem, tais como *habitus*, campo, diversos tipos de capital e de interesses. Enquanto Thévenot e Boltanski chamam a atenção para a análise das convenções que coordenam as ações econômicas (modelos padronizados de justificação), Callon, juntamente com Bruno Latour, focaliza a ciência e a tecnologia e, do ponto de vista metodológico, desenvolve a teoria dos atores e das redes (*actor-networks-theory*) (Swedberg, 2004).

### **SOCIOLOGIA ECONÔMICA NO BRASIL E A ORGANIZAÇÃO DESTE FÓRUM**

Também entre nós, a SE constitui uma área em expansão. Na Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais foi criado o primeiro Grupo de Trabalho em Sociologia Econômica há apenas três anos, ou seja, em 2004. Apesar de recente, foram apresentados, desde então, 36 trabalhos e quase 150 foram submetidos à participação.<sup>1</sup> É preciso registrar, ainda, a ocorrência do I Congresso Internacional de Sociologia Econômica e das Finanças, realizado na Universidade Federal de São Carlos, em 2006.

A revista *Tempo Social*, da Universidade de São Paulo, no número especialmente dedicado à SE (v. 16, n. 2, São Paulo, 2004), reuniu alguns dos principais sociólogos brasileiros da área, apresentando artigos de temas variados: mercado como construção social, modernização, padrões de qualidade, finanças, cultura e desemprego. Na condição de autor internacional convidado, Swedberg abre esse número da revista fazendo um convite aos brasileiros para que se apropriem desta abordagem: “Tenho a esperança de que os intelectuais e cientistas sociais brasileiros se interessem pelas tentativas recentes de reviver a SE e, assim, fiquem desejosos de se juntar nesse projeto intelectual cujas raízes remontam a eruditos como Karl Marx, Max Weber, Joseph Schumpeter e Karl Polanyi” (Swedberg, 2004, p. 7). Foi com esse mesmo espírito que organizamos este Fórum na RAE, na tentativa de divulgar os trabalhos de pesquisa que aqui vêm sendo produzidos.

Para a publicação do Fórum de Sociologia Econômica na *RAE-eletrônica*, foram selecionados três artigos, além do artigo internacional convidado, “Economic action and social structure: the

FÓRUM - SOCIOLOGIA ECONÔMICA  
APRESENTAÇÃO

Ana Cristina Braga Martes – Maria Rita Loureiro – Ricardo Abramovay – Maurício Serva – Maurício C. Serafim

problem of embeddedness”, de Mark Granovetter (1985). Esse artigo, conforme comentado anteriormente, representa um marco na constituição da Nova Sociologia Econômica.

O primeiro artigo, “Mudar tudo para não mudar nada: analisando a dinâmica de redes de proprietários no Brasil como mundos pequenos”, de Sergio G. Lazzarini, apresenta uma análise sobre redes de proprietários com participação conjunta no capital de uma ou mais empresas que abarca 640 empresas brasileiras. De acordo com o autor, as redes se comportam como “mundos pequenos”, ou seja, ao mesmo tempo em que existem grupos de proprietários extensivamente ligados uns aos outros, existem alguns poucos atores centrais que acabam por conectar diferentes grupos. Devido à sua posição estratégica na rede, esses atores – notadamente fundos de pensão e o próprio governo – conseguiram explorar oportunidades de participação societária decorrentes da própria reestruturação da economia. Como consequência, conclui o autor, há um aumento da influência de certos proprietários locais em detrimento de firmas e investidores estrangeiros.

O segundo artigo, intitulado “A perspectiva dos custos de transação na formação de redes de cooperação”, de Alsones Balestrin e Alessandro Porporatti Arbage, objetiva inserir a interpretação do fenômeno das redes de cooperação no âmbito da Teoria Organizacional. A pesquisa traz dois estudos de caso, um da Tecnópole, do Futuroscope (França), e outro da Rede Aginvest (Brasil). Os resultados indicam, de um lado, que os principais atributos das transações, identificados como condicionadores dos arranjos, referem-se à especificidade de ativos e incerteza. Por outro lado, os resultados revelam a incidência de dois tipos de governança, a institucional, sob responsabilidade do Estado, e a governança das atividades propriamente ditas. A análise converge para a importância fundamental do papel do Estado no estabelecimento de iniciativas das redes de cooperação.

No último artigo, “Atualidade da construção do objeto científico da sociologia econômica”, José Maria Carvalho Ferreira contrasta e compara as profundas mudanças sociais e econômicas enfrentadas pela organização do trabalho e pelo terceiro setor. Com base em uma análise documental de autores e modelos, o autor analisa as mudanças que vêm ocorrendo ao nível da divisão do trabalho, da autoridade hierárquica formal e dos processos de decisão e liderança nas organizações. Adicionalmente, observa que as novas tecnologias e a globalização têm provocado uma crise profunda no modelo do Estado-nação. Nesse contexto, José Maria Carvalho Ferreira aponta que o terceiro setor pode ser interpretado como resposta a essa crise do modelo do Estado-nação e como contrapartida à nova organização do trabalho.

FÓRUM - SOCIOLOGIA ECONÔMICA  
APRESENTAÇÃO

Ana Cristina Braga Martes – Maria Rita Loureiro – Ricardo Abramovay – Maurício Serva – Maurício C. Serafim

Para finalizar, esperamos que os trabalhos selecionados para este Fórum, tanto os publicados na *RAE-eletrônica* quanto na *RAE* impressa, possam contribuir para maior reflexão sobre a contribuição da perspectiva sociológica às diversas áreas do conhecimento, que se estendem, como os artigos evidenciam, à Administração de Empresas e também à Administração Pública.

## NOTA

<sup>1</sup> O GT é coordenado pelos professores Ricardo Abramovay (USP), Roberto Grun (UFSCAR) e Cecile Mattedi (UFSC).

## REFERÊNCIAS

LÉVESQUE, B.; BOURQUE, G.; FORGUES, É. *La nouvelle sociologie économique: originalité et diversité des approches*. Paris: Desclée de Brouwer, 2001.

SMELSER, N.; SWEDBERG, R. (Eds.). *The Handbook of Economic Sociology*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.

STEINNER, P. *Sociologia Econômica*. São Paulo: Atlas, 2006.

SWEDBERG, R. Sociologia Econômica: hoje e ontem. *Tempo Social*, v. 16, n. 2, 2004.

**Artigo convidado. Aprovado em 16.03.2007.**